

CENÁRIOS E METÁFORAS DE VIOLÊNCIA EM CONTOS DE MIA COUTO E GUIMARÃES ROSA

LUCIANA SILVA CAMARA DA SILVA E RAQUEL COMPULSIONE*

* Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

E

Resumo

Este trabalho tem como objetivo evidenciar que “viver é muito perigoso” não só em Guimarães Rosa, mas também em Mia Couto. Serão discutidas semelhanças e diferenças na representação dos cenários de violência ficcionalizados pelos dois autores. Além de analisadas as metáforas e inovações linguísticas presentes na linguagem de ambos os escritores. A intenção principal desta comunicação é observar de que modo a literatura reflete acerca de diferentes formas de violência, levando os leitores a questionamentos críticos, tanto do ponto de vista social, como existencial.

Palavras-chave: Mia Couto; Guimarães Rosa; Violência; Sociedade; Inovações linguísticas.

Esse artigo visa abordar como a problemática da violência é tratada pelo escritor brasileiro Guimarães Rosa, e pelo moçambicano Mia Couto, bem como pretende fazer uma aproximação expressiva entre ambos.

Do primeiro, elegemos o conto “Esses Lopes”, do livro *Tutaméia*, escrito em 1967, e selecionamos, do segundo, o conto “Os olhos dos mortos”, do livro *O fio das missangas*, de 2004.

Os dois textos apresentam pontos de contacto não só pela temática da violência contra a figura feminina, mas também pelo apuro na linguagem, pela invenção lexical, pela criação de neologismos que produzem sentidos e formas diferentes das preconizadas pelas normas gramaticais, e, sobretudo, pela ênfase à oralidade.

De acordo com Couto: “Não é que eu tivesse intenção de inventar palavras. Palavra descobre-se, não se inventa. Mas a ordem me deixou desesfeliz.” (COUTO, 1991, p. 167).

Já Guimarães Rosa, segundo suas próprias palavras, diz de si mesmo: “Não sou um revolucionário da língua. (...) eu preferiria que me chamassem de reacionário da língua, pois quero voltar cada dia à origem da língua lá onde a palavra ainda está nas entranhas da alma, para poder lhe dar luz segundo a minha imagem.” (LORENZ, 1991. p. 84).

Couto e Rosa transcendem uma visão racional da linguagem como algo estático. Esta, para eles, é muito mais que isso, é vida em eterna descoberta e movimentação.

No entanto, se em função de uma “intervenção” no código linguístico, cada um dos dois escritores caminha em sua própria direção no lidar com o léxico e a morfologia, com a sintaxe e a semântica, os efeitos de seus textos têm outras semelhanças. Em um primeiro momento, os textos se apresentam estranhos à leitura, pois se aproximam da função de uma nova estética da diferença. A partir daí, acabam convergindo para apontar para a importância da condição humana.

Outro ponto comum habita os horizontes de ambos escritores que se ocupam de animais, crianças e, em geral, dos que vivem à margem da sociedade humana. Uma diferença de trajetos é, contudo, percebida, entre os dois, já que o escritor moçambicano é tocado por uma realidade histórica diversa da brasileira. Moçambique viveu guerras e carrega feridas na sua história.

Nos contos analisados de Guimarães Rosa e de Mia Couto, as duas narradoras são também personagens da trama. Ambas são mulheres que sofreram algum tipo de violência; são elas enunciadoras que relatam as formas como inverteram seus papéis perante seus opressores.

Flausina, narradora-personagem, em “Esses Lopes”, é dotada de sagacidade e mata todos os homens da família Lopes, dos quais foi vítima, desde menina, uma vez que sua vida esteve sempre ligada a eles, sem que os escolhesse e nutrisse qualquer afeto por tais indivíduos.

A astúcia feminina é demonstrada pelos enredos, mentiras, traição, agrados e sedução. Flausina utiliza ervas venenosas, diluídas no café e na cachaça, que levarão à morte seu primeiro amante, Zé Lopes – aquele que a fizera, à força, viver com ele, quando ela ainda era uma menina. Esta mulher provoca, ainda, um duelo entre seu segundo amante e o primo, Sertório e Nicão, ambos da família Lopes. Finalmente, graças a comidas excessivamente temperadas e ao excesso de “agradadas horas”, leva à morte o último varão da família, já um velho, o Sorocabano Lopes, com o qual ela se casou oficialmente, apossando-se de todos os bens dele.

Embora ela não mate os três filhos que teve com os Lopes, também deles ela quer distância: “Má gente, de má paz; deles, quero distantes léguas. Mesmo de meus filhos, os três.” (ROSA, 1976, p. 45).

No fim de toda tragédia, Flausina, agora, ama um rapaz, bem mais novo que ela e volta a um tempo em que já fora “muito menininha” (ROSA, 1976, p. 48), reafirmando: “Meu gosto agora é ser feliz, em uso, no sofrer e no regalo. Quero falar alto. Lopes nenhum me venha, que às dentadas escorraço. Para trás, o que passei, foi arremedando e

esquecendo. Ainda achei o fundo do meu coração.” (ROSA, 1976, p. 45). Flausina pode ser comparada a um violento matador, um jagunço sertanejo, distinguindo-se, apenas, na estratégia feminina de eliminar, enredando, mas jamais confrontando corpo a corpo. À medida que essa mulher começa a dominar a leitura e a escrita, ela passa a ser sujeito de sua história, transgredindo as normas do sertão e da sociedade machista. Ela vai-se transformando numa voz dominante, fazendo-se presente e potente.

Por fim, não é mais dominada por homens, mas, somente, pelos sentimentos que a vida fez desabrocharem dentro de si. Daí sentir saudades da época de menina e desejar, ainda, coisas como: “o bom-bocado que não fiz, quero gente sensível. De que me adianta estar remediada e entendida, se não dou conta de questão das saudades?” (ROSA, 1976, p. 48). Sua aparente submissão, já que utiliza esse estratagemata arquitetando planos para sua liberdade, é ocasionada pela sua situação econômica e sua identidade feminina, despertando o desejo sem freios da família Lopes.

Assim sendo, num momento inicial, predomina tudo aquilo que remete a valores de sentido, como o medo, a submissão, a opressão, o que gradualmente evolui para a afirmação de valores que se vão sobrepondo: a negação da opressão, a auto-afirmação, a inversão de papéis conjugais. No título do conto, poderíamos dizer que o uso do pronome demonstrativo “esses”, no lugar de “estes”, remetaria ao não pertencimento que Flausina assinala dos Lopes em seu mundo.

Ela os coloca distantes, fora de seu espaço, demonstrando uma espécie de desinteresse por eles. Demonstra, dessa maneira, seus reais sentimentos por seus ex-maridos, como fica claro na passagem: “Lopes, não! – desses me arrenego.” (ROSA, 1976, p. 48).

Concluimos, assim, que a narradora sofre um processo de anulação como ser humano, diante da força opressora da ordem masculina, quando ela é transformada, sucessivamente, em esposa de vários homens da família Lopes. Para subverter isso, essa mulher vale-se do mesmo método que usaram para oprimi-la: a violência, revelando-se esta, portanto, a única maneira possível de alterar uma lógica aparentemente inalterável. Flausina, por agir desse modo violento, pode ser, também, comparada à protagonista-narradora do conto “Os olhos dos mortos”.

Apesar de essa personagem não ser nomeada, age de forma semelhante à protagonista de “Esses Lopes”. O tom das narrativas é semelhante, embora sejam diferentes as características próprias a essas mulheres, pertencentes a culturas tão diversas.

A narradora do conto de Mia Couto nos informa acerca da morte do esposo Venâncio, explicando-a como uma certa maneira de alcançar liberdade. Ela, depois de ter cerrado os olhos do marido, tendo insinuado que o matara, confessa que, se, por muito tempo teve vergonha da alegria, hoje ela está “pronta a crianceiras e desatinos. Minha alegria, assim tanta, só pode ser errada.” (COUTO, 2009, p. 69). Tal confissão da personagem corrobora a ideia de conquista da liberdade, porém

esta é censurada por ela mesma como algo errado de ser alcançado na sociedade em que vive.

A questão da autoria do assassinato permanece ambígua. Ameaçada e agredida constantemente pelo marido, a narradora relembra a última vez em que esses maltratos aconteceram. Recorda que, quando quebrou um retrato antigo de Venâncio, fora vítima dos seus pontapés que lhe atingiram a barriga, fazendo-a sangrar e perder o filho que, supostamente, esperava. A pé, fora ao posto médico, onde, semiconsciente, ouvira a constatação de que não havia gravidez, o que a deixara ainda mais triste do que a violência recebida do marido, já que era importantíssimo para ela ter um filho e demonstrar isso a seu único familiar que sequer fora visitá-la. De volta à casa, encontrara, na sala, os estilhaços de vidro do quadro com a fotografia de Venâncio, cenário do clímax da trama narrativa. Ela, então, “distraída, (...) recolhe um vidro.” (COUTO, 2009, p. 72). O marido encontra[va]-se deitado na cama, e ela se deita[ra] ao seu lado.

A cena seguinte, em que constata a morte de seu marido, é tecida silenciosamente. A situação é sugerida pela sua autorreflexão: “Deito-me a seu lado e revejo minha vida. Se errei foi Deus que pecou em mim. (...) É por isso que fecham os olhos aos mortos. E é o que faço ao meu marido. Lhe fecho os olhos, agora que o seu sangue se espalha, avermelhando os lençóis.” (COUTO, 2009, p. 72).

Assim, termina o conto, sem que se atribua claramente à narradora o assassinato. Apenas o caco de vidro apanhado no chão e levado para a cama pode culpá-la. A autoria do assassinato é quase um silêncio e deverá ser completada na leitura pelos olhos atentos e imaginativos do leitor.

Se o conto coutiano se aproxima do rosiano, por via de uma semelhante dicção feminina e, ainda, por contemplarem, em seu enredo, a morte dos homens e uma conseqüente libertação das mulheres protagonistas, ambos são, cada um a seu modo, também diferentes, já que a autoria do crime se apresenta, de forma implícita e ambígua no texto de Mia Couto, enquanto ocorre de modo explícito na narrativa de Guimarães Rosa.

A ardilosa Flausina claramente diz-se mentora das mortes dos seus pares, utilizando recursos não diretos para fazê-los morrer, tais como: o veneno, o ciúme, os prazeres carnais e alimentares. Já a narradora anônima de Couto é direta, quando se refere ao objeto cortante que leva ao assassinato, mas há uma dubiedade quanto ao fato de ter sido dela a autoria do crime.

De certa forma, esses enredos refletem diferenças nos contextos culturais dos contos. Na trama de Rosa, não há uma punição formal para a ação e a confissão de Flausina, enquanto que, na de Couto, há o castigo, a pena, a não confissão.

Vale lembrar que a revolta interior de Flausina contra os Lopes se deve à impossibilidade de ela ter tido condições econômicas para poder decidir sobre os rumos de sua vida. Por esse viés, a narrativa aponta para o desnível sócio-econômico e mostra como este é um dos determinantes da submissão feminina no contexto patriarcal.

Gilberto Freyre afirma que é “característico do regime patriarcal o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo.” (FREYRE, 1951. p. 253).

Nesse sentido, pode-se perceber que a narradora Flausina age e sai da situação submissa em que se encontrava, enquanto que a narradora anônima de Mia Couto elimina seu marido, parecendo não se sentir confortável diante de seu novo estado, se sentindo culpada com a liberdade conquistada, como fica explícito na seguinte citação: “Estar-se contente, ainda vá. Que isso é passageiro. Mas ser-se alegre é excessivo como pecado mortalício.” (COUTO, 2009, p. 69).

As literaturas moçambicana e brasileira, representadas, respectivamente, por Mia Couto e Guimarães Rosa, nesses contos analisados, encontram-se, portanto, como narrativas questionadoras na medida em que dão voz às mulheres-protagonistas, libertando essas almas femininas que estavam condenadas à não-existência e ao esquecimento.

ABSTRACT

This paper aims to show that “living is very dangerous” not only in Guimarães Rosa, but also in Mia Couto. We discuss similarities and differences in the representation of fictionalized scenarios of violence by both authors. Will also be examined metaphors and linguistic innovations present in the language of both writers. The main intention of this communication is to observe how the literature reflects on different forms of violence, leading readers to critical questions, both from a social standpoint, as existential.

Key words: Mia Couto; Guimarães Rosa; Violence; Society; Linguistic innovations.

REFERÊNCIAS

- COUTO, Mia. **Cronicando**. Lisboa: Caminho, 1991.
- COUTO, Mia. Os olhos dos mortos. In: COUTO, Mia. **O fio das misangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 69-72.
- FRANGIOTTI, Grazielle Altino; SPERA, Jeane Mari Sant’Ana. “Estratégias argumentativas em ‘Esses Lopes’”, de J. G. Rosa. In: TOLEDO, Eunice Lopes de Souza & SPERA, Jeane Mari Sant’Ana (Org).

Linguística textual: literatura, relações textuais, ensino. São Paulo: Arte e Ciência, 2007. p. 31-41.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos:** a decadência do patriarcalismo rural no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951. p.253.

LORENZ, Gunter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org). **Guimarães Rosa.** Coleção Fortuna Crítica (6). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 62-97.

ROSA, João Guimarães. Esses Lopes. In: ROSA, João Guimarães. **Tutaméia** (Terceiras Estórias). 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 45-48.